Práticas e Cuidado:
Revista de Saúde Coletiva
ISSN: 2675-7591

ARTIGO (Fluxo contínuo)

# CARTAGRAFAR E CONFLUENCIAR: AFIRMANDO OUTRAS POSSIBILIDADES DE COMPARTILHAMENTOS E PROCESSOS FORMATIVOS NA PÓS-GRADUAÇÃO

TO LETTER-SPELL AND TO CONFLUENCE: AFFIRMING OTHER POSSIBILITIES OF SHARING AND FORMATIVE PROCESSES IN POSTGRADUATE STUDIES

CARTAGRAFAR Y CONFLUENCIAR: AFIRMANDO OTRAS POSIBILIDADES DE PROCESOS DE INTERCAMBIO Y FORMACIÓN EN EL POSGRADO

Sharyel Barbosa Toebe [1]
Roberta da Silva Gomes [2]
Jéssica Lopes Borges [3]
Zaine Jaqueline de Oliveira Schenckel [4]

**Manuscrito recebido em:** 16 de novembro de 2023
**Aprovado em:** 5 de dezembro de 2025.
**Publicado em**: 8 de dezembro de 2025.

**Resumo**
**Objetivo:** Refletir criticamente acerca dos modelos coloniais de educação e transmissão de saber vigentes na academia no contexto atual, operando com conceitos de autoras e autores contracoloniais. **Métodos**: Através do método da cartagrafia, as quatro autoras escrevem cartas-ensaios, um diálogo aberto, que contribui para o campo da psicologia social e processos de pesquisa, considerando a diversidade dos corpos, histórias, subjetividades e realidades envolvidas no cotidiano da pós-graduação em psicologia. **Resultados**: Esperamos, através destes relatos, um encontro com quem nos lê. Que esse encontro possa promover o fortalecimento do compromisso com o pensamento crítico e a honestidade, que possa tornar cada vez mais concreto o que temos aprendido com bell hooks e o Coletivo sobre a importância de agir. Além disso, através da experiência em comum entre as autoras, de orientação realizada por uma psicóloga, educadora, negra, cis, lésbica e implicada com sua docência, evidencia que modos de educação e transmissão comprometidos com o acolhimento e valorização dos saberes não hegemonicos, são possíveis. **Conclusão:** Por fim, é possível perceber que no encontro ou através dele, confluenciamos quando somos afetadas por nossas histórias e narrativas. Assim, apostamos em outros modos de praticar e construir Psicologia Social, de fazer pesquisa e de produzir conhecimento, com afeto, com cuidado, com autocuidado e através de uma comunidade de aprendizado.

[1] Mestra em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Integrante do Coletivo bell hooks: formação e políticas do cuidado
ORCID: https://orcid.org/0009-0004-6759-4322 E-mail: psi.sharyeltoebe@gmail.com
[2] Doutoranda em Educação e Mestra em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do SuL. Integrante do Projeto Akilombamentos de Mãe Preta por Terra, Liberdade e Paz.
ORCID: https://orcid.org/0009-0005-9138-5974 E-mail: robertadasg@gmail.com
[3] Mestra em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8509-9510 E-mail: jelopesborges@gmail.com
[4] Doutoranda e Mestra em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Integrante do Coletivo bell hooks: formação e políticas do cuidado.
ORCID: https://orcid.org/0009-0004-7125-2229 E-mail: zainejaqueline@gmail.com

Práticas e Cuidado:
Revista de Saúde Coletiva
ISSN: 2675-7591

ARTIGO (Fluxo contínuo)

**Palavras-chave**: Psicologia Social; Educação de Pós-Graduação; Comunidade Compartilhada.

**Abstract**
**Objective**: It aims to critically reflect on the colonial models of education and transmission of knowledge in force in academia in the current context, operating with concepts from countercolonial authors. **Methods**: Using the *cartagrafia* method, the four authors write essay letters, an open dialogue, which contributes to the field of social psychology and research processes, considering the diversity of bodies, stories, subjectivities and realities involved in the daily life of post-degree in psychology. **Results**: We hope, through these reports, a meeting with those who read us. May this meeting promote the strengthening of commitment to critical thinking and honesty, making increasingly concrete what we have learned from bell hooks and the Collective about the importance of taking action. Furthermore, through the common experience between the authors, of guidance carried out by a black, cis, lesbian psychologist, educator and involved in her teaching, it shows that modes of education and transmission committed to welcoming and valuing non-hegemonic knowledge, are possible. **Conclusion**: Finally, it is possible to see that in the encounter or through it, we come together when we are affected by our stories and narratives. Therefore, we invest in other ways of practicing and building Social Psychology, of doing research and producing knowledge, with affection, with care, with self-care and through a learning community.

**Keywords**: Social Psychology; Postgraduate Education; Teaching Community.

**Resumen**
**Objetivo**: Reflexionar críticamente sobre los modelos coloniales de educación y transmisión del conocimiento vigentes en el ámbito académico en el contexto actual, utilizando conceptos de autores contracoloniales. **Métodos**: Utilizando el método cartografía, los cuatro autores escriben cartas-ensayo, un diálogo abierto que contribuye al campo de la psicología social y a los procesos de investigación, considerando la diversidad de cuerpos, historias, subjetividades y realidades presentes en la vida cotidiana del posgrado en psicología. **Resultados**: Esperamos, a través de estos informes, un encuentro con quienes nos leen. Que este encuentro promueva el fortalecimiento del compromiso con el pensamiento crítico y la honestidad, concretando cada vez más lo que hemos aprendido de bell hooks y el Colectivo sobre la importancia de actuar. Además, a través de la experiencia compartida entre los autores, de la orientación impartida por una psicóloga y educadora negra, cisgénero y lesbiana, involucrada en su docencia, se demuestra que son posibles modos de educación y transmisión comprometidos con la acogida y la valoración del conocimiento no hegemónico. **Conclusión**: Finalmente, es posible ver que en el encuentro, o a través de él, nos unimos cuando nos vemos afectados por nuestras historias y narrativas. Por eso, invertimos en otras formas de hacer y construir Psicología Social, de investigar y producir conocimiento, con afecto, con cuidado, con autocuidado y a través de una comunidad de aprendizaje.

**Palabras clave**: Psicología social; Educación de posgrado; Comunidad compartida.

## O INÍCIO DA NOSSA CONFLUÊNCIA

Confluenciamos porque fizemos uma escolha de retornar ao espaço acadêmico após a graduação. Buscar a inserção no mestrado, na Pós-Graduação de Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

(PPGPSI/UFRGS). Somos quatro psicólogas que compartilham o mesmo espaço: mestrado em Psicologia Social e Institucional, orientadas pela professora Luciana Rodrigues, compondo o Coletivo bell hooks. Coletivo voltado para o estudo, pesquisa e extensão vinculado ao PPGPSI/UFRGS com estudantes, docentes e profissionais de diferentes áreas de formação e diferentes regiões do país.

Partilhamos o mesmo espaço, mas ocupamos posições distintas e estamos aqui para narrar isso (Mombaça, 2021). Localizar nossos corpos faz parte de compreendermos a produção de conhecimento como campo de saber que não se sustenta na neutralidade. Por isso, escolhemos contar sobre nossas posições e as histórias que nos fizeram chegar até aqui, através de quatro cartas escritas por cada uma de nós, inspiradas na metodologia da cartografia (Battistelli, 2022), como proposta de diálogo que não necessariamente necessita de resposta, mas sim um endereçamento ao que se propõe. Endereçamos estas cartas, escritas individualmente, ao grupo de amigas e colegas que formamos (as quatro autoras) durante a pós-graduação e que propõe a ousada tarefa de uma implicação rigorosa entre as pesquisadoras. A rigorosidade não está em manter padrões que se dizem neutros, em seguir fortalecendo a velha conhecida Psicologia branca, eurocêntrica, colonial e desimplicada, mas sim na perspectiva crítica para produção de conhecimento no campo da Psicologia Social, bem como das relações interpessoais que surgem a partir dessa interlocução de saberes, vivências e compartilhamentos no âmbito da pesquisa.

Aqui, quando falamos de compartilhamento, estamos falando do que Antônio Bispo dos Santos (2023), Nêgo Bispo, nomeia como confluência. A energia que nos move para o compartilhamento de ações, de gestos, de afetos, que produz cuidado, isso é confluência. E é na confluência que temos aprendido a sermos seres compartilhantes, dentro do Coletivo que se propõe a criar uma comunidade. Comunidade de cuidado, comunidade de aprendizado, comunidade de compartilhamento de afetos e sabenças, pois como nos ensina Nêgo Bispo (2023):

> um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo *e* outros rios, ele se fortalece. Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente - a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. (Nêgo Bispo, 2023, p. 15)

Práticas e Cuidado:
Revista de Saúde Coletiva
ISSN: 2675-7591

ARTIGO (Fluxo contínuo)

Sabemos da importância de compartilhar aprendizados e experiências com sinceridade em meio a um espaço que promove o silenciamento e apego a normas institucionais, onde a manutenção da tradição ainda é reforçada e a responsabilidade de produção de conhecimento se detém a uma perspectiva individual. Este formato de escrita possibilita um diálogo que narra processos do cotidiano, mas também relata algo que está no corpo e como os afetos o atravessam. Modelos coloniais de pesquisas ditas “mais acadêmicas” trazem os formatos de artigos estruturados como possibilidade generalizada de explicitar o que foi produzido em espaço científico. Entretanto, trazemos uma proposta que ao mesmo tempo repensa as ações no cotidiano e como este conhecimento é passado, pois a teoria não está distante da prática. Como bem nos ensina bell hooks (2019) quando diz que a divisão entre público e privado, historicamente utilizada dentro da academia, é uma consequência das práticas de dominação nesta sociedade branca, colonial, patriarcal, capitalista, sexista e calcada dentro da hetero cisnorma.

O que estamos nos propondo a colocar no papel aqui nesta escrita é uma epistemologia outra, que difere daquelas ditas tradicionais e científicas, utilizamos uma episteme baseada nos feminismos negros, pois entendemos que esta forma de fazer pesquisa, a partir de narrativas sobre nossa formação, possibilita nos conhecermos, pesquisar com nossos afetos e reposicionar o lugar costumeiro de pesquisa em Psicologia, com outras aberturas para o cuidado na formação, a partir da possibilidade de contar histórias (hooks, 2020). Quando compartilhamos as nossas histórias, quando comunicamos o que sentimos, estamos iniciando a construção de uma comunidade de aprendizado (hooks, 2020), estamos possibilitando a vivência de uma experiência de compartilhamento de cuidado no processo de produção de conhecimento.

Com este artigo pretendemos também mostrar um período de tempo, o final do ano de 2023, sobre nosso diálogo e nossa formação de comunidade a partir do compartilhamento de saberes, de confluências, as quais também se tornam meios de fortalecer nossa permanência no espaço da pós-graduação.

Por isso, acreditamos que compartilhar nossas histórias ao mesmo tempo em que indagamos a formação em psicologia se torna uma maneira de autorreflexão em conjunto, como uma forma de construir possibilidades de cuidado no diálogo com

quem está ao redor e poder construir modos e perspectivas de conhecimentos diversos. Compartilhar histórias, para bell hooks vai ao encontro de afirmar que o pessoal é político, a experiência do vivido fortalece e contribui para construção de comunidade em que as nossas histórias possam firmar laços e promover cooperação, visto que vivemos em meio a relações (bell hooks, 2020).

Estendemos o convite a você que nos lê, para que nos acompanhe nessa partilha em que contamos sobre nossas experiências em relação aos nossos processos formativos e que também reflita sobre os seus. Nossa proposta e compromisso parte da perspectiva crítica, da honestidade e de tornar cada vez mais concreto o que temos aprendido com bell hooks e o Coletivo sobre a importância de agir.

## CARTA 1

Queridas amigas e também colegas de mestrado,

gostaria inicialmente de contar como é gratificante poder escrever esta carta sabendo que estamos em um espaço de acolhimento e que nossas conversas possuem criticidade e muitas risadas. Nos encontramos em meio a universidade, a qual me traz muitas lembranças nada agradáveis de cobranças e constrangimentos, em que já remoí cada vírgula que escrevi e cada palavra que falei. No entanto, me vi repensando outras formas de estar, por que vocês estavam.

Foi no PPGPSI/UFRGS que consegui dar profundidade para algo que sentia sobre a produção de conhecimento: a importância da honestidade como compromisso ético na pesquisa. Neste ano passei a saber como é estar em espaços que há abertura para diálogo sobre o que seria o amor e me vi incrédula em perceber que não somente existe um pensar sobre assuntos do cotidiano, que tanto se fala na Psicologia Social, mas também um agir de um lugar de responsabilidade em que o que se publica em artigos não está somente no “campo das ideias” (hooks, 2021a).

Vocês sabem do meu histórico em outros espaços que se dizem de pesquisa. “hmmm, ela é cientista!” Já fizemos inúmeras piadas sobre meu currículo de artigos publicados em inglês durante a graduação. bell hooks (2021a) descreve em sua experiência na pós-graduação, como estudantes brancos reforçam a ideia de uma

educação de opressão em que se utiliza meios de dominação e se ensina que esse é o modo de funcionamento. Por isso, tem que "jogar o jogo". Me obriguei a jogar quando entrei na graduação. Aprendi em meio aos pesquisadores na psiquiatria como eram feitas suas pesquisas. Fiz o que me mandavam por seis anos. "Você é uma peão de laboratório", já ouvi. Eu era só uma peça na parte da execução para as publicações em currículos de grandes nomes. Uma mulher cis branca bissexual de classe média baixa. Eu recebi a ideia de modo implícito que se eu ficasse quieta e fizesse o que me disseram, eu poderia me tornar um deles um dia. Me viam como alguém que tinha futuro nessa área e por isso troquei algumas frases com meu suposto orientador nesse tempo. Raramente ele estava presente. Um homem branco, psiquiatra, fundador do laboratório de pesquisa, aquele que todo mundo literalmente corria quando ele resolvia dar o ar de sua graça em espaços de experimento. "Ele está vindo aí" era anunciado como um ser onipotente. Na época, discussões sobre ser uma mulher branca em espaços acadêmicos ainda me eram bastante distantes e foi estudando sobre a história da reforma psiquiátrica brasileira que me dei conta do privilégio que meu corpo, caso não abrisse a boca, poderia ter um currículo de um homem branco psiquiatra, embora nunca seria um homem e os efeitos do patriarcado atravessa meu corpo, os privilégios do pacto da branquitude (Bento, 2022) me seriam concedidos. Um espaço construído com heranças coloniais, predominantemente constituído por pessoas brancas, me faz refletir sobre certos aprendizados que servem como um pacto da branquitude.[5] Um espaço reforçado pelo silêncio e a introjeção de hierarquias que mantém a permanência de pessoas brancas como maioria numérica e negando a autocrítica. "Não faz sentido" foi a frase que repeti para mim o dia todo quando resolvi sair desse espaço. Não fazia mais sentido em relação a direção que eu estava querendo seguir como pesquisadora e não fazia sentido como alguém que não queria ser um soldado apenas seguindo ordens.

Não entrei no grupo que vocês já estavam como alguém que automaticamente se viu pertencente, pois minha memória estava atrelada a situações em universidades que eu já estive, onde as cobranças de produtividade ficam obsessivamente no fundo da cabeça com uma sensação constante de pânico e incapacidade. Meus pensamentos rondavam um "você nem sabe nada sobre bell hooks direito, você não pertence a esse grupo. Tens duas opções: ou você desiste ou leia tudo dela e para ontem". Logo busquei ler livros da bell hooks. O primeiro que obtive foi porque me

chamou a atenção pelo título “ensinando pensamento crítico: sabedoria prática” (hooks, 2020). Na época, ao comprar o livro, estava disposta a entrar em contato com a autora a partir de uma questão que me circulava sobre como dialogar de modo crítico com as pessoas ao meu redor, pois sentia que o silêncio era maior que a possibilidade de encontro. A autora traz a importância da conversação em que o conhecimento não é produzido de forma individual, particular e competitiva. Estranhei bastante, pois a competição individual foi algo que aprendi nos espaços acadêmicos em discussões sobre quem tem mais artigos para publicar e quem vai chegar primeiro em algo, o discurso que hoje me parece muito com a figura do colonizador. A minha dificuldade em confiar e trabalhar em parceria nada mais é o que bell hooks (2021b) descreve como resultado de um ambiente acadêmico tradicional e olha que eu participei de espaços assim hein!

A proposição desta escrita me faz atualizar minhas memórias e me trazem para 2023. Foi este ano que vocês começaram a me ensinar como não competir e principalmente a compartilhar na pós-graduação. Entrei no mestrado depois de outras três tentativas. Entrei num pique de competição, de “quem sabe mais” e ainda bem que encontrei vocês! Encontrei pessoas que também se mostram completamente indignadas com a forma como se faz distancia do que se diz. Além do nosso senso de humor em fazer piadas com nossas experiências individuais. É um espaço que foi se construindo em nossos encontros dentro da universidade, em sala virtuais e também porque resolvemos nos hospedar no mesmo apartamento em congressos. Ainda bem que encontrei vocês.

“Não há pesquisa sem implicação, gente!” frase dita pela nossa orientadora, Luciana Rodrigues, uma mulher negra cis e lésbica, em inúmeros momentos como uma forma de reconhecermos os nossos corpos e lugares sociais em meio a produção de conhecimento. Passei a me questionar quais aproximações são possíveis a partir dos encontros e relações que se tem feito? Quais intelectuais tenho me proposto a entrar em contato e de modo honesto sair da lógica de neutralidade que meu corpo branco se autorizou a estar? Além de todos os livros e artigos que já compartilhamos e lemos juntas em reuniões de grupo e até mesmo discussões informais, vocês também são intelectuais que produzem conhecimentos que me inspiram.

Com carinho,

Jé.

27 de outubro de 2023.

Práticas e Cuidado:
Revista de Saúde Coletiva
ISSN: 2675-7591

ARTIGO (Fluxo contínuo)

# CARTA 2

Oi, gurias!

Como o que nos uniu, inicialmente, foi a mesma orientadora (obrigada, Lu!), quero contar pra vocês o que tenho pensado sobre as relações de orientação na academia. E para olhar para as práticas de cuidado na formação em psicologia, penso muito na relação de orientação, que é, estruturalmente, uma relação de poder, a partir das hierarquias em que a academia é constituída.

Essas hierarquias são organizadas a partir da raça, classe e gênero, né? E é bem importante demarcar, que a grande maioria de pessoas que estão como professoras na academia, principalmente em psicologia, são mulheres brancas de classe média alta, pois são estas as pessoas que tiveram condições de fazer mestrado e doutorado há anos atrás (Conselho Federal de Psicologia, 2022). Hoje com as políticas de ações afirmativas, tem outros corpos acessando esse espaço, tanto como discente quanto como docentes e isso tem um grande impacto, não só para essas pessoas, mas para academia como um todo.

E para falar dessas posições, começo falando da minha: sou uma mulher cis branca sapatona, vinda de uma família classe média baixa. Meu pai nunca finalizou o ensino médio, parou no segundo ano e sempre falava do sonho de ter feito uma faculdade, minha mãe havia estudado até a sétima série e depois finalizou o ensino médio através do ensino de jovens e adultos (EJA) quando eu e minha irmã já éramos crianças um pouco maiores. Desde muito jovem, aos 12 anos, comecei a me inserir em trabalhos informais, e não foi diferente na graduação, quando acessei o ensino superior através do Prouni.

Hoje me dou conta que chegamos na academia e não falamos sobre essas histórias. Se parte do pressuposto de que viemos todos do mesmo lugar e seguimos vivendo isso no mestrado. São diversos os apagamentos produzidos pela academia, inclusive em um PPG em psicologia social em que, teoricamente, se olha para raça, gênero e classe, mas só teoricamente, porque olhar, ver, reconhecer, acolher, os corpos que estão constituindo o espaço, não. E tem me interessado muito como essas diferenças de posições vão se apresentar nas relações.

As professoras brancas classe média alta seguem preparando suas aulas para pessoas estudantes brancas classe média alta. Porque são essas pessoas que elas querem que estejam na academia. Quantas histórias já ouvimos sobre candidates que escutaram nos processos seletivos deveriam escolher entre o mestrado e o trabalho?

Na minha pesquisa de mestrado (Toebe, 2024), onde olhei para a branquitude e a cisheteronormatividade na formação da escuta e questionado sobre como nós, pessoas psicólogas brancas que estamos na pós-graduação, percebemos a escuta na formação. E, no processo de escutar pessoas falando sobre relações de escuta na academia, ficou muito nítida a diferença da formação entre pessoas que experienciam a relação de orientação com pessoas brancas e com pessoas negras. Entre nós quatro também temos a diferença dessas experiências: duas que começaram o mestrado sendo orientadas por professoras brancas cis heteras e duas que já começaram com a Luciana Rodrigues, que é negra cis e lésbica.

A minha primeira orientadora, foi uma mulher branca que se diz feminista e militante da luta antimanicomial. E as feministas brancas se veem no lugar de cuidado, né? Tive outras experiências na academia também com feministas brancas que falavam sobre ofertar um cuidado, mas um cuidado que eu não reconhecia e não sentia, não via. Com essa orientadora branca eu fui entendendo só depois que tinha sempre um apagamento sobre quem eu era e o que eu sugeria sobre o meu tema de pesquisa para manter a dominância das pautas que eram importantes para ela, a partir da vivência dela. Uma mulher branca, cis e hétero classe média alta.

Na experiência de estágio em docência, quando estávamos escolhendo uma música de boas-vindas para as pessoas estudantes, eu sugeri uma música da MC Tha, uma mulher negra, periférica, que falava sobre abrir caminhos, mostrei o clipe, que é marcado por simbologias de religiões afro-brasileiras. A professora disse que a música era muito localizada e sugeriu outra música, de um cantor branco classe média alta, que no vídeo cantava para um público branco classe média alta. Esses corpos não são localizados?

O que aprendi nessa prática de docência é que os corpos que majoritariamente ocupam os lugares de docência estão muito confortáveis com a lógica que os garante status e querem a manter da forma como está. É o pacto narcísico da branquitude acadêmica (Cardoso, 2022). Então, para mim, as possibilidades de constituição de práticas de cuidado contracoloniais passam a partir dessa localização, da autodefinição e do reconhecimento da posição que cada corpo ocupa.

Práticas e Cuidado:
Revista de Saúde Coletiva
ISSN: 2675-7591

ARTIGO (Fluxo contínuo)

Com a primeira orientadora, percebi (só depois) que tinha um apagamento da minha pesquisa. Ela sempre falava que eu pesquisava gênero, mais especificamente violência contra a mulher cis. Quando troquei de orientação, depois de três semestres no mestrado, quase desistindo e sem conseguir escrever, as primeiras coisas que escrevi foram cartas falando sobre minha experiência de performatividade de gênero. Lembrei disso agora, porque estava pensando nessa localização dos corpos que são demarcados por olhares e nomeações de uma inteligibilidade branca cisheteronormativa. Escrever sobre as experiências que estava vivendo enquanto sapatona que não estava performando uma feminilidade vista como padrão, e falar sobre as nomeações de outras pessoas sobre o meu corpo, me chamando com pronomes masculinos, fez eu sentir ter corpo na pesquisa.

Lembram que contei pra vocês sobre aquela situação em que uma criança, no ônibus, aponta pra mim e pergunta pra pessoa adulta que está com ela “é um tio ou uma tia?”. Isso me fez pensar muito sobre os efeitos dos corpos no mundo. De adultos eu escuto pessoas me chamando no pronome masculino. De uma criança eu escuto a interrogação. E foi nisso que pensei quando escutamos, no curso de extensão do nosso coletivo – o bell hooks - sobre clínica engajada, aquela psicóloga negra, que participou do curso, falar que tem corpos que são mais políticos que outros. E sei que vivo isso de um lugar diferente do dela. Pois, há anos atrás, quando não me entendia enquanto lésbica e quando performava uma feminilidade padrão, isso não acontecia. Era um corpo em conformidade com a norma, magra, loira, cabelos compridos. “Fica atenta aos corpos! Nossas escolhas (de pessoas que nos rodeiam) não são coincidência” escrevi numa carta para uma amiga dia desses.

Escutei de uma das pessoas participantes da minha pesquisa, a única também orientada por uma professora negra, que se não fosse os apontamentos da professora, a pesquisa dela teria sido muito marcada por epistemicídio e pela supremacia branca. E isso me faz pensar em como, pessoas brancas sendo orientadas por pessoas brancas, podem reconhecer esses apagamentos em suas pesquisas. E pra mim é uma grande questão como a gente lida com o apagamento, com o não ver, não reconhecer.

Eu fiz aquela disciplina com a Lu e a Jaileila, que elas falavam muito sobre construção de comunidade de aprendizagem, eu até entendia do que elas estavam falando, mas me parecia tão distante, quando a gente não vive a experiência. Agora,

com o coletivo Coletivo bell hooks com a orientação da Lu com as trocas com vocês, aprendo sobre construir comunidade de aprendizagem. E sei o quanto eu preciso mudar, desaprender a minha forma de aprender construída pelo projeto colonial de academia eurobrancocentrado.

Foi na banca de defesa da Beta que foi levantada a questão se podemos fazer algo diferente, desde dentro da academia, né? Essa academia que a gente tanto critica. Nesse coletivo aprendi que existem outras possibilidades de encontro e de escuta na academia, bell hooks no texto “Negra e mulher: reflexões sobre a pós-graduação” fala sobre as dificuldades enfrentadas na academia, o lugar de racismo e rechaço anunciado por professores homens, cis hetero brancos, e inslusive de outres discenties, que diziam que "a postura de um aluno da pós-graduação é exemplar quando se é obediente”, quando não se propõe enfrentar a autoridade (hooks, 2019). Ela aponta o fracasso como uma saída, tanto academicamente, quanto como possibilidade de preservação da saúde mental neste espaço.

Que sigamos juntas nos ajudando a fracassar dentro do projeto colonial de academia, criando outras formas de ocupar esse espaço.

Um forte abraço nesta noite chuvosa,

Shary.

29 de Outubro de 2023.

## CARTA 3

Queridas amigas,

desde que iniciamos a proposta de escrita para este dossiê, me conectei com as histórias de aprendizagem que me trouxeram até aqui. Hoje procurei meus boletins antigos, e me deparei com vestígios físicos dos registros psíquicos que ecoam em mim. Nos textos das professoras que me acompanharam nos meus primeiros anos como aluna do ensino fundamental, encontrei descrições familiares, elas me narram como dedicada, meiga, amorosa e gentil, são lembranças cheias de afeto. Sei que essas palavras estão diretamente relacionadas com minha condição de mulher branca cis e heterosexual. Palavras diferentes daquelas reservadas às crianças negras que estudaram comigo nas escolas públicas da periferia onde eu cresci. Me vieram à

mente os colegas, crianças negras levando pra casa o resto da merenda do dia em baldinhos de plástico, e os gritos das professoras que viviam com os mesmos nomes na boca, nomes marcados, corpos marcados desses mesmos meninos e meninas.

Cresci sendo uma menina branca, filha de uma mulher negra e empregada doméstica. Lembro que muitas vezes fui com minha mãe para o trabalho, sabia que minha presença ali era um favor, algo recebido graças a bondade da patroa então precisava me portar bem, fazia o tema na copa e era elogiada pelo bom trabalho. Enquanto minha mãe limpava e cuidava sentia que me incluía nas tarefas dos filhos da patroa, ela desejava um pouco do que eles tinham para mim, algo diferente da exclusão que ela mesma viveu.

Trabalhando desde menina, minha mãe, dona Elaine, não pode estudar, fez até a terceira série, período que lembra com orgulho, era dedicada mas nunca reconhecida pela professora de sua escola da infância, era sempre pontual, mas perseguida pelos colegas, era criteriosa com a letra e as contas aprendidas, mas em casa lhe diziam que não era pra ela essa ideia de estudar. Sendo a filha adotiva negra, de uma família branca, precisava demonstrar sua gratidão pelo acolhimento recebido com trabalho duro. Angela Davis (2016) no capítulo “educação e libertação: a perspectiva das mulheres negras” narra o quanto o povo negro precisou lutar pelo direito de aprender, principalmente as mulheres negras históricamente privadas desse espaço educacional, apesar de todo seu desejo e dedicação ao saber.

É também o que conta Viola Davis (2022) em seu livro “Em busca de mim”, ao relatar o quanto ela mesma e sua irmã eram excluídas do espaço de aprendizagem, mesmo quando se destacavam e apesar de todos os desafios impostos a pessoas negras, privações subjetivas, econômicas, emocionais, responsáveis por marcas profundas para o seu desenvolvimento, assim como as marcas que minha mãe carrega.

Para minha inscrição no mestrado, a filha da patroa da minha mãe me ofereceu ajuda, uma mulher branca de classe alta, com uma outra formação, me ofereceu seu apoio para ingressar na pós em psicologia social. Desde minha inscrição já desejava falar sobre os processos de racialização, de classe e de gênero. Escrevendo agora confesso que me envergonho um pouco, porque eu realmente pensei em aceitar essa “ajuda” amigas, sendo uma mulher branca e pobre eu internalizei o que minha mãe

também acreditou por muito tempo, que o acesso ao saber, a uma Universidade de prestígio, estaria totalmente ligado a corpos brancos ricos, não importando sua formação.

Infelizmente, depois de ingressar no percurso de pesquisa percebi que não foi à toa que eu e minha mãe internalizamos essa ideia de localização do saber. Como a Shary traz em sua carta, esses são os corpos que costumamos encontrar no espaço acadêmico, pessoas brancas, ricas, heterossexuais. Esses são os corpos que se beneficiam e se sentem confortáveis lá, como ouvimos de uma professora branca e de classe alta nas primeiras aulas do mestrado: “agora o perfil dos estudantes está se modificando” ela falava com desgosto. Se referia aos corpos diversos que estavam na sala, pessoas negras, trans, pobres, trabalhadoras, lésbicas, bissexuais. Culpava esses corpos por não ser mais possível manter o padrão excludente historicamente aplicado ao curso, ao mesmo tempo que tentava com seu discurso reafirmar esse sistema colonial e suas regras tão enraizadas no programa.

Cursei psicologia, como bolsista ProUni, em uma faculdade privada na região metropolitana de Porto Alegre, em uma cidade que se considera alemã. O contato com políticas públicas, práticas contracoloniais não hegemônicas foi muito superficial e ocorreu muito mais por um desejo, insistência e iniciativa minha e de poucas colegas do que da Faculdade. Como a maior parte das pessoas bolsistas ou de ações afirmativas, eu trabalhava o dia todo e estudava à noite. O ensino era transmitido no melhor modelo colonial: slides densos, conceitos pouco compreensíveis cunhados por homens brancos de apenas 4 ou 5 países europeus como narra Rámon Grosfoguel (2016). Muito distante do que eu vivia na prática dos estágios ou do que vivia no beco da Vila Esmeralda, no fim da cidade, onde eu morava. Eu tinha sono, faltava muito às aulas por conta do cansaço, mas em geral memorizava bem o conteúdo, e minha condição de mulher branca e aparência heteronormativa me deu o privilégio de ter boas notas e assim me formei como oradora da turma, isolando quase que totalmente minha realidade, implicações raciais, políticas e sociais de minha experiência de formação como psicóloga.

Por isso, quando nossa orientadora, Luciana Rodrigues, a quem carinhosamente chamamos de Lu, entregou para eu e a Jé, iniciantes no mestrado, a chave da sala usada pelo coletivo bell hooks, algo profundo se modificou, se abriu

para mim. A prática de uma orientação implicada, a possibilidade de tornar minha pesquisa e escrita acadêmica conectadas a minha história e as minhas convicções pessoais se tornaram um alento.

A Lu já havia me acolhido durante a entrevista do mestrado e seguiu me oferecendo apoio junto com todas vocês e nosso querido Coletivo durante um período muito doloroso de perda e sofrimento, sei que permanece abraçando a todas nós de diversos modos. Com sua gentileza e seu carinho nos ensina a não ter medo de partilhar nossas histórias, de produzir com nossas experiências, mesmo as mais traumáticas e dolorosas, caminhos para que outras pessoas possam trilhar. A Lu inspira a honestidade de que trata nossa querida bell hooks (2023) em “irmãs do inhame”, ao nos falar a verdade, nos incentivando a contar com sinceridade sobre as violências percebidas no espaço da Universidade, sabendo que é o único modo de promover as mudanças necessárias no terreno árido da academia.

Tem uma curiosidade que ainda não compartilhei com vocês, sempre que leio bell hooks, é a voz da Lu que escuto na minha mente. Então me despeço com as palavras de bell hooks (2017), tendo a voz tão querida da nossa Lu em mente quando pede

> que abram a cabeça e o coração para conhecer o que está além das fronteiras do aceitável, para pensar e repensar, para criar novas visões, celebro um ensino que permita as transgressões - um movimento contra as fronteiras e para além delas. É esse movimento que transforma a educação na prática de liberdade. (hooks, 2017, p.24)

Abraços cheios de carinho,

Z.

04 de novembro de 2023

## CARTA 4

Oiê, gurias!

Eu tô muito feliz e emocionada por estar escrevendo esse artigo com vocês, estava aqui lendo as cartas de cada uma para pensar o que eu iria escrever e pensando em como eu sou grata por ter encontrado vocês nas encruzilhadas da

academia - Laroyê, Exu! Outra coisa que eu fiquei pensando agora também, é que talvez não seja uma mera coincidência eu ser de nós quatro aquela que está conseguindo parar para escrever apenas hoje, no último dia possível. Sou a única entre nós negra. Uma mulher negra, lésbica e cis, filha de um casal interracial, que vem de uma realidade socioeconômica privilegiada, poderia dizer que venho de uma classe média.

Todas nós trabalhamos muito, temos rotinas super puxadas de trabalho, casa, estudos, fora a vida pessoal, mas existe um atravessamento no meu corpo que vocês não passam: o racismo cotidiano, as micro violências raciais cotidianas. Situações que diversas vezes me paralisam, há momentos da minha vida em que eu só consigo sobreviver, em que a minha rotina fica sendo acordar, trabalhar, olhar pro teto e fazer carinho nos meus gatos. E recentemente passei por mais um momento assim, logo depois da minha defesa. Inclusive compartilhei com vocês minhas angústias e ansiedades e fui muito bem acolhida.

Falando em defesa, defendi minha dissertação de mestrado em 06 de setembro de 2023, há pouco mais de dois meses. Sou a primeira orientanda da Lu, a primeira mestra formada pelo Coletivo bell hooks e a primeira de nós quatro a concluir essa etapa, que com certeza só foi possível por viver esses quase três anos em comunidade. Nêgo Bispo (2023) nos diz que “enquanto a sociedade se faz com os iguais, a comunidade se faz com os diversos”. O que me remete às cartas de vocês três quando falam, cada uma à sua maneira, sobre as experiências na academia e o quanto a universidade é supremacista branca, heterocisnormativa, patriarcal, colonial e capitalista, ou seja: nem um pouco diversa. E aqui faço coro com a Jé “ainda bem que encontrei vocês”, a Lu e o nosso coletivo mais amado.

Quando estava lendo a carta da Jé falando sobre a competitividade acadêmica me lembrei muito do Nêgo Bispo novamente (2023):

> quando ouço a palavra *confluência* ou a palavra *compartilhamento* pelo mundo, fico muito festivo. Quando ouço *troca*, entretanto sempre digo: “Cuidado, não é troca, é compartilhamento”. Porque a *troca* significa um relógio por um relógio, um objeto por outro objeto, enquanto no compartilhamento temos uma ação por outra ação, um gesto por outro gesto, um afeto por outro afeto. E afetos não se trocam, se compartilham. Quando me relaciono com afeto com alguém, recebo uma recíproca desse afeto. O afeto vai e vem. O compartilhamento é uma coisa que rende. (Santos, 2023, p.36)

Práticas e Cuidado:
Revista de Saúde Coletiva
ISSN: 2675-7591

ARTIGO (Fluxo contínuo)

As pessoas que compõem a academia, como bem disse a Shary, são majoritariamente brancas, heteras, cisgêneras e de classe média alta, ou seja, pessoas privilegiadas e que se constituíram em uma lógica de produtividade e lucratividade, como manda o capital. Dialogando com Nêgo Bispo, essas pessoas trabalham quase sempre, ou sempre mesmo, com o método da troca e não do compartilhamento. E nós quatro conhecemos bem essa realidade, né?

Relaciono esse funcionamento de trocas com a minha primeira orientadora do mestrado, mulher branca, hetera, cisgênera… Quando eu agia de uma forma a tentar agradá-la para conseguir ser aceita, mesmo já sentindo as micro violências raciais cotidianas advindas dela e das demais pessoas brancas que compunham o seu grupo de pesquisa. Conto um pouco disso na minha dissertação, quando relato o que escrevi em uma carta a essa primeira orientadora, durante uma disciplina de metodologia do mestrado:

> todo esse parágrafo eu escrevi para que a carta tivesse algo sensível a oferecer a minha orientadora, mas a verdade era que eu já não vinha me sentindo pertencente àquele grupo desde o princípio. Hoje, relendo, percebo que o sentimento genuíno enquanto escrevia a carta era exatamente o oposto do que eu acabei por escrever. O que me faz pensar em como o racismo me afeta de forma tão profunda, produzindo em mim um entendimento de que eu deveria acolher a minha orientadora branca, hetero e cis, para, minimamente, ter a possibilidade de me sentir acolhida, concomitante ao não acolhimento que me era ofertado. (Gomes, 2023, p.44)

Quando penso no que vivi com esta primeira orientadora e depois no que vivi e vivo com a Lu lembro mais uma vez de quem? Adivinhem? Siiim, do Nêgo Bispo (2023), quando ele fala sobre a diferença entre ser uma pessoa importante e uma pessoa necessária. Ele diz que a pessoa importante é aquela que não nos serve, que se acha ótima, mas não é nada; são aquelas que acham que as demais pessoas existem no mundo para servi-las - qualquer semelhança com o corpo docente do nosso PPG não é mera coincidência -, a minha primeira orientadora seria esse tipo de pessoa “a importante”. Já as pessoas necessárias, Bispo (2023) nos diz que são aquelas que fazem falta, que precisam estar presentes, de quem se vai atrás, a Lu é para mim, e tenho certeza que para vocês também, uma pessoa necessária. Assim como, vocês são necessárias para mim e sei que nós todas somos necessárias para a Lu.

Ahh, aqui quero compartilhar especialmente com a Shary, pois ela não estava conosco no nosso último congresso, que ocorreu no começo do mês de novembro em Niterói/RJ, o XXII ENABRAPSO (Encontro Nacional da ABRAPSO, que é a Associação Brasileira de Psicologia Social). Estávamos nós três Jé, Zaine e eu, mais a Lu e outra amiga, também negra, de Pernambuco, sentadas no pátio da universidade que sediava o encontro, quando passa a minha primeira orientadora, que eu nunca havia visto pessoalmente, pois ingressei no mestrado durante a pandemia. Nós todas estávamos conversando quando ela para na nossa frente para cumprimentar a Lu e por tabela da um oi generalizado. Eu estava sentada e com óculos de sol no rosto, sentada e com óculos de sol eu fiquei. Não sou obrigada a me levantar para racista né, até respondi o oi verbalmente, poderia ter optado por nem responder. Ela se vira e vai saindo, mas em uma fração de segundo retorna e pergunta sem jeito “aquela é a Roberta?” ao que respondem “sim, é a Roberta” E então ela vai até a minha frente e diz “nossa, Roberta, não te reconheci. Nunca te vi, agora pós pandemia temos duas formas de conhecer as pessoas online e presencial”, eu só respondi esboçando um sorriso amarelo e ela saiu.

Sim, Shary, isso aconteceu! Tu imagina a minha cara, né? O ranço que eu senti. Depois ficamos fazendo “piada” dizendo que realmente, ela nunca tinha me visto, dada as circunstâncias nas quais ela “me orientou” durante um semestre, entre aspas porque era só o nome de orientação né, a prática era nula, como diz a Jé “des-orientação”. Essa cena que narrei é mais um exemplo bem explícito de como a branquitude funciona dentro da academia: apagando, intimidando, violentando os corpos negros que se propõem a enfrentar a hegemonia supremacista branca (Mombaça, 2021).

A parte feliz da minha história no mestrado é ter encontrado o Coletivo bell hooks e as pessoas que o compõem. É ter encontrado pessoas com as quais eu não me sinto só, pessoas com as quais eu consigo somar, confluir, construir outros mundos possíveis, construir comunidades de aprendizagem. Com vocês tem sido possível fazer alianças para sobreviver e resistir dentro do ambiente acadêmico e é muito bom saber que posso contar com vocês, amigas e colegas brancas aliadas. Mulheres que têm se proposto a olhar criticamente para a sua supremacia e privilégios brancos, e que, portanto, também estão subvertendo a ordem colonial da academia.

Eu me sinto segura com vocês pois as nossas partilhas cotidianas têm me mostrado que eu posso apontar os meus incômodos e que vocês irão acolher e fazer a autocrítica quando necessário. Agradeço aos orixás por terem cruzado os nossos caminhos e à Lu por ser o elo ponta firme que auxilia a nos mantermos vivas.

Seguimos fazendo barulho e incomodando a academia supremacista branca, patriarcal, capitalista e colonial!

Com todo o meu amor e esperançar,

Beta.

Porto Alegre, 15 de Novembro de 2023.

## A CONFLUÊNCIA DAS NOSSAS CARTAS

Nestas cartas, além de afirmarmos nossos corpos e posições enquanto pesquisadoras, conhecemos um pouco mais da história de cada uma. Precisamos também admitir que é a primeira vez que escrevemos nós quatro juntas. Como é importante saber da vida e da história de quem anda junto com a gente e também selarmos nossos encontros, para que sejam enviados como cartas para quem nos lê. Já perceberam o quanto a academia apaga nossa história, não só na nossa escrita e pesquisa, mas também nas nossas relações?

Bruna e Lu nos mobilizam a escrita a partir da pergunta: “Como produzir cuidado em uma relação engajada com fazeres e saberes que ampliam as possibilidades de vida?”. Apoiadas nos ensinamentos delas, perguntamos como produzir cuidado sem escutar as histórias de vida? Enquanto psicólogas nosso trabalho perpassa a escuta das pessoas, porém quais escutas estamos fazendo com os ensinamentos de uma educação que produz modos de dominação? “Pensar epistemicídio e branquitude é discutir o quanto reproduzimos e produzimos práticas excludentes na Psicologia e como se torna possível a morte antes do tiro” (Rodrigues & Battistelli, 2020, p.48).

Esse apagamento é o mesmo que aprendemos que é o certo a fazer no exercício da nossa profissão: “psicólogas devem ser neutras, nada de si deve se mostrar”. Desse modo, nossas funções históricas se direcionam para apaziguamentos, homogeneizações e apagamentos. Não só entre nós, colegas de

profissão, mas também com as pessoas que convivemos no espaço de trabalho e no cotidiano. Como se todas viéssemos do mesmo lugar e tivéssemos as mesmas vivências. Aqui, afirmamos nossas histórias de vida como fundamentais no nosso fazer enquanto pesquisadoras, enquanto psicólogas e que o pessoal não se distancia do que exercemos no profissional. Ou como traduz muito bem bell hooks (2019) em Erguer a Voz, “o pessoal também é político”.

Contra esse apagamento e neutralidade, construímos nossa comunidade a partir da diversidade, como nos ensina Nêgo Bispo, fazendo compartilhamento de nossas histórias. Pois, é também aqui, na academia, que nos encontramos, observamos e tecemos essas críticas, propomos a escrita de um trabalho como esse, em um formato até então não considerado acadêmico, para afirmar outras possibilidades de estar nesse espaço. À medida em que tecemos a crítica, já a fazemos produzindo outras possibilidades de habitar e permanecer neste espaço, que ao mesmo tempo que se faz pela denúncia, se faz pelo acolhimento das histórias partilhadas.

Que a formação em Psicologia não seja só sobre escutar histórias de outras pessoas, como “pacientes”. Que seja também de quem está fazendo a Psicologia. Quais são os corpos que fazem Psicologia hoje no Brasil? Qual a implicação que cada corpo tem nessa construção da psicologia a partir da posição de ocupa? A falsa neutralidade científica tenta homogeneizar histórias de vida. Apostamos nesse fazer com detalhes, onde antes se fazia neutralidade, trazemos outra epistemologia possível, para que possamos estar integralmente na produção de conhecimento. Para que os nossos corpos de mulheres, psicólogas, pesquisadoras, sejam corpos integrais, com tudo aquilo que os compõem.

Agradecemos a Lu pelo afeto compartilhado e por sustentar o Coletivo bell hooks como espaço de confluência, que faz render a nossa comunidade de aprendizado, de construção de conhecimentos, de cuidado e autocuidado.

## REFERÊNCIAS

Battistelli, B. M. (2022). *Entre cartas e conversas*: por uma política de pesquisa feminista e contra-colonial para a psicologia social. Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida.

Bento, C. (2022). *O Pacto da Branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras. 150p.

Cardoso, L. C. (2022). A branquitude acadêmica, a invisibilização da produção científica negra, a autoproteção branca, o pesquisador branco e o objetivo-fim. *Educação*, *47*(1), e72/ 1–24. https://doi.org/10.5902/1984644462742

Conselho Federal De Psicologia. (2022). *Quem faz a psicologia brasileira?* um olhar sobre o presente para construir o futuro: formação e inserção no mundo do trabalho. Volume I. Brasília: CFP.

Davis, A. (2016). *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo.

Davis, V. (2022). *Em busca de mim*. 6 ed. Rio de Janeiro: BestSeller.

Grosfoguel, R. (2016). A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Sociedade e Estado*; 31(1): 25-49. https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003

Hooks, b. (2017). *Ensinando a transgredir*: a educação como prática de liberdade. São Paulo: WMS Martins Fontes.

Hooks, b. (2019). *Erguer a voz*: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Elefante.

Hooks, b. (2020). *Ensinando pensamento crítico*: sabedoria prática. São Paulo: Elefante.

Hooks, b. (2021a). *Tudo sobre o amor*: novas perspectivas. São Paulo: Elefante.

Hooks, b. (2021b). *Ensinando comunidade*: uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante.

Hooks, b. (2023). *Irmãs do inhame*. Mulheres negras e autorrecuperação. São Paulo: WMF Martins Fontes.

Mombaça, J. (2021). *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó.

Rodrigues, L., Battistelli B. M. (2020). *Psicologia e relações raciais: um percurso em construção*. Silveira, R. S., Silva L. G., Nardi H. C., Rodrigues L. Florianópolis, SC: ABRAPSO Editora. Capítulo 2, Entre Cartas: Sobre Branquitude e Epistemicídio na Produção de Conhecimento em Psicologia.

Santos, A. (2023). *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: UBU editora.

Gomes, R. S. (2023). *Erguer a voz, escreviver e cartagrafar : memórias de uma mulher negra e lésbica na pós-graduação* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). 146p.

Toebe, S. B. (2024). *Aprendizados de um corpo-escuta: branquitude e cisheteronormatividade na formação em Psicologia Social* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul). 124p.